

UMA COISINHA NOJENTA

Claire Kahn

Olivier é o último de três meninos. Em sua primeira infância apresentou retardo de linguagem, associado a uma retenção fecal importante, entre três e cinco anos: supositórios, Microlax, lavagens, cenas, brigas. É uma criança fácil, mas às vezes tem crises de birra muito violentas. Tem também muitos pesadelos.

Aos seis anos, após testes psicológicos, foi aconselhada uma psicoterapia para a criança, assim como seu ingresso no pré-primário, numa turma pequena.

Então, Olivier vem, e desenha enquanto fala, juntando o gesto às palavras. Preenche a folha retomando-a várias sessões seguidas, ao ponto de não haver mais espaço vazio, a folha fica excessivamente carregada, como sua barriga cheia. *“Às vezes encho meu desenho até que não haja mais folha branca”.*

Mas, na realidade, seu desenho nada mais é do que linguagem, o que desenha ele conta, e as histórias se desenrolam e se superpõem, como os traços e as cores.

Do lado da imagem, ele escolhe com deleite as cores mais sombrias: *“as mais feias, nada bonitas, um verde, um vermelho, um preto muito, muito escuro”*, espalhando-as com o mesmo deleite, de modo que recubram tudo, até esconder os desenhos subjacentes.

A imagem assim apresentada, falada, já tem valor de significante: o *“feio”*, ou o *“muito escuro”*, ou o modo de espalhá-lo, não remetendo apenas à anuidade – muito presente

UMA COISINHA NOJENTA

no caso deste menino –, mas também a uma série de significações que se desenrolam ao longo desta curta análise.

No que concerne à fala, Olivier se põe em cena numa família de mágicos ladrões às voltas com fantasmas* lobos-ladrões, dando lugar a inúmeras cenas de violência, de agressão, de sexualidade sangrenta. Ele mesmo é um mágico-bebê, cujos poderes não têm nenhum valor, sendo apenas “*falsos*”, em relação aos “*verdadeiros*” que os adultos possuem. Ele é “*desprezível*”, “*ele não nos interessa*”, “*ele não participa da farra*”. O apelo ao pai é gritante, um pai que agüente as pontas (árvore provida de raízes profundas e sólidas) face às agressões de um fantasma de mãe nem homem nem mulher, ou de fantasmas edípicos, estas almas-de-outro-mundo que sabem vir desalojá-lo, mesmo que na qualidade de menorzinho último ele creia estar fora de alcance. “*O pai mágico está cheio de ouvir seu filho se queixar dos ladrões, então ele pega seu fuzil de flechas, de cartuchos, e atira nele – está cheio de sangue por todo lado, os olhos, a boca, o rosto*”. Ele macula seu desenho de vermelho (desenho nº 1) com certo prazer.

E então, pouco a pouco as coisas vão se precisando. As cores vão tomando forma, as histórias vão se estruturando.

A cena se situa num quarto, onde está muito escuro, “*as três crianças olham, as cores bem escuras vão fazer no quarto algo que dá muito medo – é o desenho do ‘medo-medo’*. Mas é um sonho, a gente sabe que não é verdade”. Olivier sabe que ele está na fantasia**, e me precisa isto. “*O medo terrível vem se abater no menor dos três filhos, que explode*” ou “*o bebezinho, um desprezível nem um pouco musculoso, cai na armadilha preparada pelo mágico-pai, ele se defende rabiscando no rosto do pai com preto bem, bem escuro*”, que se estende à barriga, depois às pernas e ao conjunto da folha – é o desenho “*medo-medo karate-ka*” (desenho nº 2).

O casal parental se instaura, mas sem diferenciação sexuada. Um lugar crescente é atribuído ao pai, tão grande que

* **Fantôme**, em francês (N. da T.).

****Fantasme**, em francês (N. da T.).



Desenho 1



Desenho 2

UMA COISINHA NOJENTA

ele se torna como o lobo de Chapeuzinho Vermelho – “*com uma cabeça grande, um nariz grande, olhos grandes, uma boca grande, cabelos grandes, braços grandes, mãos grandes*”, mãe-grande pronta para devorá-lo, a ele ou a sua mãe –; mas também de tal forma grande que se torna ridículo. “*Ele é engraçado! Gostaria muito que meu papai fosse assim, muito engraçado e maquiado como eu (festa na escola), a gente daria risadas. Ele trabalha muito, não tem tempo para brincar conosco. Mamãe também, mas ela não vai pro escritório, ela não é um pai*” é necessário precisá-lo...

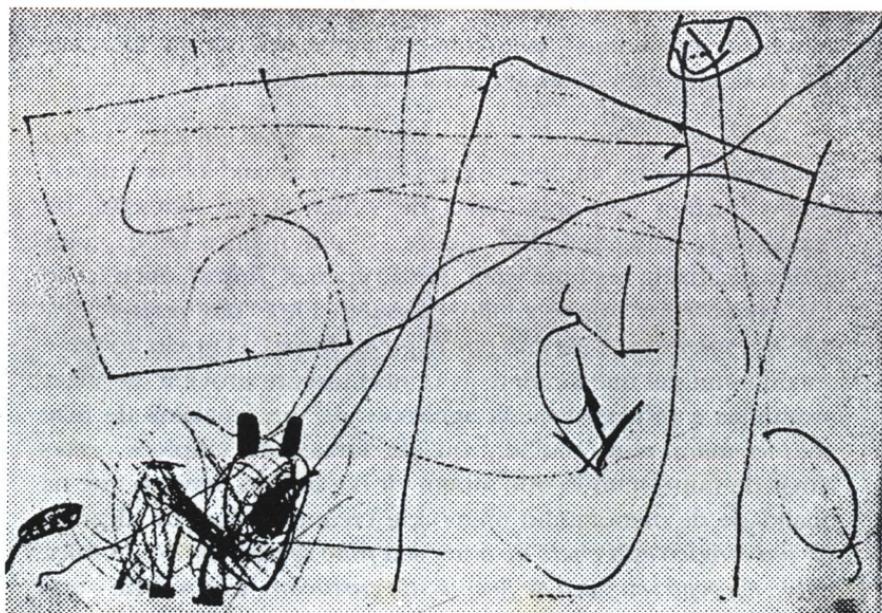
Com o mesmo prazer, a mãe é diminuída, “*o mágico tem um pequeno mar* ao seu lado, ele sonha com uma casinha*” (ele ri muito), seria ela tão pequena quanto ele?

Estas cores sombrias e feias associadas à imagem paterna, vão subitamente se cristalizar, “*numa coisinha nojenta, asquerosa, que é marrom e preta, como uma serpente*”, num canto da folha que vai se desdobrar e se instalar em várias sessões, sob a forma do “*bonito rabo do cavalinho*”, e depois, do polegar de sua mão: “*O polegar de ouro*”. Olivier vai colocar toda sua aplicação em desenhar e decorar estes elementos significantes, onde a nitidez dos contornos e o cuidado dispensado na decoração contrasta com o emaranhado no qual se superpõem e se inter cruzam seus personagens. A partir deste “*polegar de ouro*” vai se elaborar, para a criança, uma arma enfim válida, que lhe permite identificar-se com seu pai, e enfrentá-lo. A coisinha nojenta tornou-se grande, “*bem feita*”, como as orelhas do cavalinho de rabo bonito, permitindo-lhe se defender da ameaça paterna de outro modo que não se espalhando e riscando tudo (desenhos nºs 3 e 4).

No outro pólo pulsional, no campo oral, a linguagem está interrompida: “*o menino grita assim, mmb, mmb, mas ninguém o escuta*”. “*O cavalinho tem as orelhas bem feitas, mas não tem boca*”.

A fantasia aterrorizante se precisa: uma casa, uma cama de casal – a dos pais –, na qual ele desenha o pai, e uma caminha, na qual “*há um bebê, ele tem cinco anos. Ele não nos interessa*”.

* Em francês, *mère* (mãe) e *mer* (mar) são palavras homofônicas (N. da T.).



Desenho 3



Desenho 4

O DESENHO NA CLÍNICA

“Em compensação, o pai, grande, sonha que existem montanhas, o pequeno sonha que existem flechas”. Olivier desenha, entretanto, uma grande flecha acima do papai, ao mesmo tempo que montanhas. Pai e filho têm o mesmo sonho.

Na sessão seguinte, uma prisão separada em duas por uma barreira: numa parte um homenzinho (é ele); na outra, um outro homenzinho fantasma que ele dota de um *“polegar de ouro”*. *“É um papai. Ele é muito forte por causa de seu polegar, mas também de seus cabelos compridos. O papai lança uma flecha, que chega ‘nele’ (no menino), daí ele está cheio, cheio de bichos em cima dele – vai ficar nojento. O papai lança uma outra flecha que lambuza o menino de sangue, tem sangue por todo lado”* (ele pinta toda a primeira parte de vermelho). *“Mas tem ‘isso’”* (a separação, a barreira é frágil, ela vai ficar abalada. *“Eu gosto mais deste ali (o papai) do que deste aqui! (o menino).”* Mas o papai se recupera, a barreira não vai se romper, *“porque o papai vai pôr ‘isso’, é alaranjado, é bem sólido, tem eletricidade dentro. O menino morreu, mas seu bebê é o único que não está morto. Então ele pode passar esta barreira alaranjada, e lançar uma flecha no papai que morreu”* (desenho nº 5)

Esta cena de grande riqueza nos deixa com um certo número de questões.

Qual é o estatuto deste pai, dotado certamente do falo, mas também de cabelos compridos? Nesta fantasia de cena primitiva, qual é a posição de nosso sujeito, vítima de agressão sexual paterna, e cheio de coisinhas, de bichinhos nojentos, de bebês, de fezes talvez? Qual papel vai desempenhar esta barreira na constituição de sua fantasia edípica, que continua ainda problemática, assim como a diferença sexual?

A criança estaria identificada com o pai portador de falo, com o falo materno, ou com a mãe na qualidade de objeto do desejo do pai?

Tantas questões que o futuro não responderá, pois os pais, muito contentes com a melhora considerável do filho, estavam com muita pressa de interromper sua análise, com uma resistência

UMA COISINHA NOJENTA



Desenho 5



Desenho 6

O DESENHO NA CLÍNICA

manifestada já há vários meses.

Certamente, Olivier vai muito melhor, tanto no plano da linguagem, quanto do comportamento, de sua adaptação escolar. *"Ele toma seu lugar entre os irmãos"*, dizem os pais. Embora vá ao banheiro todas as noites, chama ainda a mãe para que ela verifique...

Assim, revi Olivier um mês mais tarde. Ele acabara de fazer sete anos e desenhou-me seu aniversário. O desenho não tinha nada a ver com o precedente: era trabalhado, bem estruturado. Olivier escolheu as cores *"bem bonitas"* para desenhar seu bolo, suas velinhas, e insistiu na boca que ia soprar as sete velinhas. Depois, seu pai retornou: *"vou pegar cores nada bonitas... vou caprichar"*. E aplicou-se a fazer nele uma bela cabeleira... *"Depois, desenharei meu pap... ops, minha mamãe"*. Assim como o tratamento, o desenho não está completamente terminado. (desenho nº 6).

Os sintomas da criança, retenção fecal e de linguagem, puderam encontrar uma resolução satisfatória – seja pelo desdobramento intensivo do desenho e da cor, seja pelo fluxo de palavras que o acompanhavam – , tanto um como outro sendo fala significante, tomada numa transferência instalada logo de início, desde a primeira sessão. Esta posição do sujeito falante na qual a criança se encontrou foi provavelmente o mais operante do ponto de vista da análise, pois, sendo eu mesma iniciante na prática da psicanálise, especialmente com crianças, na época deste tratamento, permaneci para ele como um ouvido atento, mas nenhuma interpretação de minha parte veio dar um sentido ao que ele expunha aí. Ela teria sido provavelmente prematura. As intervenções terceiras não tinha contudo faltado: três anos de fonoaudiologia, intervenções cirúrgicas com objetivo desobstrutivo. *"Mamãe te contou que me machucaram quando tiraram o "cocoção"? Tiraram com uma pinça"*.

Os próprios pais, que atendi muito pouco, não pareceram ter aproveitado esta ocasião para eles mesmos se questionarem, como às vezes vemos, o que sempre contribui para o desaparecimento dos sintomas.

UMA COISINHA NOJENTA

O que me impressionou, na época, foi o modo como esta criança conduziu o falo à posição central, o que permitiu destacar um certo número de questões quanto à sua posição subjetiva, mesmo que estas não tenha sido resolvidas.

Tradução: Leda Maria Fischer Bernardino

Sobre a Autora

Psicanalista, psiquiatra. Membro da *Association Freudienne Internationale*.